

REINVENÇÕES
DO SUJEITO SOCIAL

Teorias e práticas biográficas

CONSELHO EDITORIAL
do livro *Reinvenções do Sujeito Social*

José Willington Germano – UFRN

Paulo Henrique Martins – UFPE

Brasilmar Ferreira Nunes – UnB

Eugène Enriquez – Universidade de Paris 7 – França

Danilo Martuccelli – Université de Lille 3 – França

Vincent de Gaulejac – Universidade de Paris 7 – França



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CCHLA – CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DCS – DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

REINVENÇÕES
DO SUJEITO SOCIAL

Teorias e práticas biográficas

Orgs.
Norma Missae Takeuti
Christophe Niewiadomski



Editora Sulina

© Autores, 2009

Capa: Eduardo Miotto

Projeto Gráfico: Fosforográfico / Clo Sbardelotto

Editoração: Clo Sbardelotto

Revisão: Mariane Farias

Editor: Luis Gomes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Biblioteca Responsável: Denise Mari de Andrade Souza CRB 10/960

R374

Reinvenções do sujeito social: teorias e práticas biográficas / organizado por Norma Missae Takeuti e Christophe Niewiadomski.

– Porto Alegre: Sulina, 2009.

328 p.

ISBN 978-85-205-0543-4

1. Sociologia Clínica. 2. Ciências Humanas. 3. Pesquisa Sociológica.

I. Takeuti, Norma Missae. II. Niewiadomski, Christophe.

CDD: 301

CDU: 316

Todos os direitos desta edição reservados
à EDITORA MERIDIONAL LTDA.

Av. Osvaldo Aranha, 440 – conj. 101

CEP: 90035-190 – Porto Alegre – RS

Tel.: (51) 3311-4082 Fax: (51) 3264-4194

sulina@editorasulina.com.br

www.editorasulina.com.br

Apoio na publicação:

UNIT – Universidade Tiradentes – Aracaju/SE

Outubro / 2009

Impresso no Brasil / Printed in Brazil

SUMÁRIO

PREFÁCIO	7
<i>Eugène Enriquez</i>	
INTRODUÇÃO	13
<i>Christophe Niewiadomski e Norma Missae Takeuti</i>	
PARTE I – RELATOS DE VIDA E SOCIOLOGIA	
Metodologia do relato de vida em Sociologia	23
<i>Daniel Bertaux</i>	
A Autobiografia – um desafio epistemológico	33
<i>Jean Philippe Bouilloud</i>	
PARTE II – HISTÓRIAS DE VIDA E SOCIOLOGIA CLÍNICA	
O sujeito face à sua história: a démarche “Romance familiar e trajetória social”	61
<i>Vincent de Gaulejac</i>	
Desafios da abordagem socioclínica e biográfica no contexto sociocultural e político brasileiro	74
<i>Norma Missae Takeuti</i>	
Histórias de vida e prática “clínico-social” no México	95
<i>Elvia Taracena</i>	
PARTE III – HISTÓRIAS DE VIDA E COLETIVIDADE	
Trajетórias de um coletivo jovem: nem só de prática- <i>Gramática da Ira</i>	105
<i>Norma Missae Takeuti e Marlos Alves Bezerra</i>	
Fazer de uma coletividade uma história coletiva	126
<i>Teresa Cristina Carreteiro</i>	
Histórias de vida de coletividade no meio hospitalar: resistir à ideia de “hospital-empresa”	141
<i>Christophe Niewiadomski</i>	
Relato de vida Coletivo e Empoderamento	166
<i>Jacques Rhéaume</i>	

PARTE IV – HISTÓRIAS DE VIDA E FORMAÇÃO

Diálogo, dialética e dialogia em história de vida 191
Gaston Pineau

Identidade, sujeito e formação 209
Guy de Villers

Histórias de vida e preparação de uma validação das aquisições:
duas modalidades do relato de si 230
Alex Lainé

História de vida, teoria da formação e construção de aprendizados 247
Christine Delory Momberger

Histórias de vida, narrativas (auto)biográficas
e docência na educação infantil 256
Elizeu Clementino de Souza e Leomárcia Caffé de Oliveira Uzêda

PARTE V – LITERATURA E ESCRITA DE SI

Lugar das histórias de vida na elucidação das autorizações
simbólicas da escrita 271
Christophe Niewiadomski e Lise Poirier Courbet

Dicção amorosa em voz menor: em torno de biografias
conjugais homoeróticas 287
Antonio Cristian Saraiva Paiva

Escrita de si, construção do eu e experiência traumática.
A questão da interlocução interna 299
Jean-François Chiantaretto

A prática das oficinas de escrita nas fronteiras da literatura
e da sociologia de intervenção 309
Anne Marie Trekker

FECHAMENTO DOS TRABALHOS 325
Norma Missae Takeuti e Christophe Niewiadomski

SOBRE OS AUTORES 327

PREFÁCIO*

Devemos ser gratos a dois pesquisadores, especialistas em histórias de vida: Norma Missae Takeuti (Brasil) e Christophe Niewiadomski (França), por terem tido a iniciativa de organizar esta coletânea, na qual colaboram autores francófonos da América Latina, da América do Norte e da Europa, com o objetivo de apresentar o estado atual de pesquisas relativas à abordagem biográfica. Esta obra chega-nos bem em boa hora, numa época em que, sob o termo genérico “storytelling”, diversas personalidades, sobretudo do mundo político e dos negócios, tentam nos contar histórias exemplares, mais ou menos falsificadas ou minimamente idealizadas, com base na vida dos “grandes desse mundo”, na expectativa de poder influenciar o voto dos eleitores ou aumentar os lucros das empresas, desviando desse modo o método biográfico de seu objetivo real. Retomarei esse ponto ao final deste prefácio.

Não desejo, aqui, retomar as grandes linhas nem as grandes orientações desta coletânea. A notável introdução de Norma Takeuti e de Christophe Niewiadomski, bem como os textos dos diferentes autores colaboradores são suficientemente explícitos, de tal modo que não há necessidade de serem parafraseados. Gostaria simplesmente de indicar, sucintamente, as razões que, no momento atual, levam a abordagem biográfica a ter sucesso e ressonâncias. Para isso, um rápido resgate histórico torna-se indispensável.

Contar histórias, e particularmente histórias edificantes, é tão antigo quanto o mundo, desde que os homens foram dotados de uma linguagem, permitindo-lhes expressarem-se e comunicarem-se com os outros (“Honra dos homens, Santa Linguagem”, tal como o escrevia Paul Valéry no início do século XX). Mas, as primeiras histórias que nos foram legadas (tais como os poemas de Homero), que foram inicialmente ditas oralmente e depois transcritas, sob a forma de poesia épica, nos falavam unicamente de seres excepcionais (Aquiles, Ulisses, Heitor) e de aventuras prodigiosas, inacessíveis ao comum dos mortais, que deviam fascinar os ouvintes ou os leitores, homens e mulheres do povo, além de provocar sua admiração pelas façanhas relatadas. Convidava-se assim cada um, na sua própria condição, a mostrar tanta constância e determinação quanto os heróis em questão. Às vezes, eles não tinham por objetivo único agradar ao seu público, causando-lhe emoção e suscitando sonhos, mas sim o de levar a sair de sua cotidianidade contando-lhe histórias fantásticas, das quais o herói não possuía, certamente, a

* Tradução de Norma Takeuti (PGCS-UFRN).

menor prova, mas que lhe satisfazia a busca de imaginação, faculdade inerente à espécie humana. Assim foi “Rolando furioso” de Ariosto ou a “Jerusalém libertada” de Tasso.

Foi no final do século XVII, e principalmente no século XVIII, que houve uma mutação nos conteúdos dessas histórias. Os heróis tornaram-se mais familiares, mais próximos das preocupações de todos. Não podia ser diferente disso, em vista da emergência do individualismo e da burguesia enquanto classe ascendente, já presentes desde o Renascimento. No entanto, ainda que não se tratassem mais de seres míticos, eram sempre seres fora do comum, tais como os *condottieres* ou os grandes chefes de família, como os Capuleto e os Montague. A mudança fundamental aconteceu com Descartes. Com ele, todos os indivíduos passaram a poder pensar e agir e todos se tornaram dignos de interesse. Os indivíduos excepcionais – os reis, os príncipes, os chefes militares – eram da ordem da grande história, não mais da epopeia, e precisavam de histórias escrupulosas para fazerem constar seus modos de governar seu país, na paz e na guerra. Os outros, os indivíduos médios, se viram investidos de um novo papel: o de pessoas com as quais era possível se identificar totalmente (e não em imaginação) e que, por seus atos agradáveis ou desagradáveis, exprimiam uma dada moral ou provocavam uma determinada rejeição. A era do romance havia se instaurado. Na Inglaterra, os romances de Richardson, Fielding e Daniel de Foé; na França, os de Rousseau, abade Prévost ou Choderlos de Laclos; todos provocavam paixões em seus leitores, pois estes podiam entrar em convivência com os seus atos e os acontecimentos nos quais se encontravam implicados.

A idade de ouro do romance foi o século XIX. Os romancistas franceses e ingleses, reforçados pelos seus colegas alemães, italianos, russos e, em seguida, pelos escritores americanos (do Norte e do Sul) tiveram um considerável sucesso. Frequentemente, antes mesmo de suas publicações em livro, os leitores puderam se deleitar com histórias difundidas através de jornais de novela (Balzac, Dumas, Dickens). O romance, em cujo início tinha sido modesto e que era, ainda em meados do século XVII, considerado um gênero menor, passou, antes do teatro e da poesia, a ser louvado. Pelo romance, dando vida a seres que se precisava imaginar, a ficção invadiu o mundo, antes de, no século XX, e malgrado grandes obras (Proust, Kafka, Musil, Broch), ser substituída pelo cinema e televisão.

Esse interesse por indivíduos “quaisquer”, “sem qualidades”, teve, ainda, outra consequência decisiva: a de permitir aos indivíduos mais ou menos bem conhecidos perceberem que sua própria vida também podia ser interessante, para si mesmos e para os leitores, tanto quanto a dos indivíduos no “papel”. Todos podiam um dia dizer, como o fez Napoleão: “quão romance é a minha vida!”. A vida torna-se um romance e todo o ser humano um personagem de romance.

Rousseau foi o primeiro e o mais ilustre que – quando já célebre por sua filosofia, seus romances, sua música – revelou sua vida em *Les Confessions*. Certamente, precederam-no nessa via, de alguma maneira, Saint Augustin e Montaigne. Entretanto, Montaigne, se ele se mostra, não conta a sua vida e Saint Augustin escreveu suas “Confessions” apenas com o objetivo de infundir sentimentos morais. Tantos outros se orientaram no sentido de tomar esse caminho de tal modo aberto (Amiel, B. Constant, Mme. De Staël, Stendhal, Kierkegaard, Tolstoi) que, no século XX e no início do século XXI, é o que o público vai preferir seguir, sempre apaixonado, pela vida íntima desses personagens. De fato, no século XX, começa a se debilitar a distinção privado/público e, progressivamente, a desaparecer aquela entre o ser excepcional e indivíduo modesto. O leitor torna-se guloso de historietas de grandes homens (ou de pessoas de reputação, assim consideradas), como de história de “pequenas pessoas” na medida em que esta refletisse, também, uma história coletiva e fizesse sentir por trás dessa vida pessoal, toda uma vida social na qual ele ou seus antepassados tivessem participado, de perto ou de longe.

Deste modo, cada um pode contar a sua história, e realizar uma exploração aprofundada de sua vida, dando para outros lerem e comentarem. Essa possibilidade unânime assinala uma nova reviravolta na história de vida e é o que está no âmago desta coletânea que o leitor vai descobrir.

Não se trata mais simplesmente de contar a sua vida. O que se encontra em questão é bem mais importante que isso. Contar-se significa ir ao encontro de seu “foro íntimo”, analisar suas motivações e suas ações, realizar certa coerência no “fluxo desordenado da vida” (G. Simmel), descobrir o (ou os) sentido de suas escolhas, de seus investimentos, de seus medos e de seus desgostos, efetuar um trabalho de reflexividade (A. Giddens), isto é, realizar um exigente retorno sobre si, sem complacência, de modo mais aprofundado possível, adquirindo uma nova identidade (o que P. Ricoeur chamou de *identidade narrativa*). Esse trabalho assíduo busca o avanço e a transformação. Há efeitos quase terapêuticos, mesmo quando não se trata de uma terapia. Feito solitariamente (autobiografias), dito a outros que podem intervir num trabalho de grupo, ou mesmo, contar sua história diante de outras pessoas que escutam, obriga o leitor a se colocar diante de um espelho “refletivo” no seu pleno sentido do termo. Assim, o indivíduo torna-se progressivamente um sujeito com suas falhas, seus remorsos, suas convicções, sua ideologia, suas maneiras de ser. Ele se revela a si mesmo e aos outros. Evidentemente, conhecemos bem os perigos de tal exercício: o narcisismo, o interesse desmesurado pelo “miserável monte de segredinhos” (A. Malraux), a repetição insistente até se tornar dependente, a fascinação, até mesmo, a idealização de si. Sabemos, também, que todo relato não expressa a verdade, que ele só mostra algumas facetas da personalidade, que pode haver outros relatos tanto mais

convincentes. Pouco importa. Se a pessoa não se deixar levar pelo narcisismo, se ela tentar trabalhar-se (de se “torturar”)¹, ela vai se tornar “outro”, ela vai operar uma mudança, e é este o trabalho essencial. Não se escreve, nem se fala para se contar ou se exibir, mas sim para se transformar, empreender novas coisas, dar sentido, e definitivamente enfrentar o desafio do homem contemporâneo: conhecer-se para se superar, para vencer suas resistências e talvez acessar a uma boa vida, sem ilusões, sem falsas crenças. Esse trabalho é também um trabalho de memória. Sabemos, a partir de Freud, que sem *rememoração* não há *perlaboração*. Esse dever de memória é também um dever de esquecimento, pois afugentam-se, assim, de sua memória os antigos e vãos rancores, os inúteis remorsos, desembaraça-se daquilo que chamo de “lixos” da vida os quais, muito frequentemente, entopem os indivíduos, impedindo-os de se desenvolverem e de se colocarem novos objetivos mais exaltantes e mais criativos.

Nesse tipo de trabalho, o social é continuamente presente na medida em que cada história individual se inscreve num contexto sócio-histórico preciso e que este tem uma importância decisiva para a constituição e o devir do sujeito. Do mesmo modo, este último, ao perceber e ao apreender o contexto de determinada maneira, tenderá colorá-lo com a sua própria cor, transformando-o. O indivíduo é inseparável do coletivo, o particular remete sempre para o universal. Se assim não for, então o projeto biográfico encontra-se ameaçado de infantilização, megalomania e surgimento de um narcisismo mortífero. Felizmente, não é o que ocorre frequentemente. E a história de vida, qualquer que seja a maneira como ela se exprime (autobiografia, relato, discussão de grupo), permanece um método indispensável para o indivíduo se interrogar, evoluir e, também, para possuir desejo de ter um novo papel na sociedade de pertença. Aliás, a história de vida não concerne somente ao indivíduo. O leitor descobrirá, neste livro, que é possível ajudar um coletivo a reencontrar a sua história, a se confrontar com ela e querer se tornar um sujeito coletivo, mestre do seu destino e não mais um puro objeto à mercê das determinações socioeconômicas e do poder.

O que acabo de escrever com relação a este livro, que o leitor descobrirá com prazer, teve por finalidade mostrar a sua atualidade, seu caráter de urgência em uma época na qual os partidários do “storytelling” tentam transformar as histórias de vida em propaganda. E, ousam, até mesmo, na sua megalomania, estimar que não é a realidade dos fatos que importa, mas sim o que pessoas pretensamente detentoras de saber *podem fazer dizer aos fatos*² e concluírem assim que a realidade é aquilo que elas farão, de acordo com o seu humor e as

¹ Sentido primeiro da palavra trabalho.

² Em francês: « peuvent faire dire aux faits ». (Nota da tradução).

necessidades do momento. É dessa maneira que foram inventados os “lugares de destruição maciça” no Iraque. Os fatos foram transformados e as fotos truncadas.

Os defensores do “storytelling” apenas se esqueceram de uma coisa: é que o real “é o que resiste” e os acontecimentos históricos reais fornecem o alcance dos seus erros.

Também esqueçamos os manipuladores e esperemos que essa moda inquietante termine se esvaziando. E quanto a nós, vamos nos interessar pelas nossas vidas, pelas nossas histórias individuais e coletivas, pois “os humanos são seres históricos” (W. Benjamin) que podem rememorar e assumir o que lhes aconteceu, encontrar novos recursos neles próprios, ter o desejo de continuar a criar e dar sua contribuição ao nascimento de uma sociedade onde todos os homens poderão ser verdadeiros atores de uma história *se fazendo*.

Eugène Enriquez

Professor Emérito – UFR de Sciences Sociales da Université Paris 7;
Membro-Fundador do Comitê de Pesquisa Sociologia Clínica (RC46) no ISA;
Membro-Fundador do Centro Internacional de Pesquisa
e Formação em Intervenção Psicossociológica (CIRFIP);
Membro-Fundador do Comitê de Pesquisa Sociologia Clínica (RC19)
na Associação Internacional de Sociólogos de Língua Francesa (AISLF).

INTRODUÇÃO

Christophe Niewiadomski
Norma Missae Takeuti

A ideia de produzir esta coletânea foi animada pela intenção de dar maior visibilidade a uma diversidade de práticas agrupadas em torno do que se nomeia comumente como abordagem ou método biográfico. Autobiografias, histórias e relatos de vida orais/escritos ou memória política, todos eles se constituem, atualmente, em objetos de estudos nos diversos campos disciplinares das Ciências Humanas e Sociais, e definem práticas que privilegiam, primordialmente, a experiência vivida por indivíduos em *situação social*.

A apresentação dessas produções, no âmbito desta coletânea, orienta-se por critérios de escolha sob inteira responsabilidade de seus organizadores, os quais têm como objetivo contribuir na difusão de reflexões e saberes, ambos produzidos no campo biográfico por diversos pesquisadores francófonos da América Latina (Brasil e México), da América do Norte (Quebec) e da Europa (Bélgica, França e Suíça). É de bom tom salientar que este projeto origina-se por iniciativa de pesquisadores franco-brasileiros, associados ao IISC – Instituto Internacional de Sociologia Clínica – França, onde se tem o método biográfico como um dos seus eixos privilegiados de pesquisa-intervenção. No mais, esta obra tem como propósito contribuir para maior reciprocidade de conhecimentos produzidos em continentes diferentes, representados pelos autores que dela participam, respondendo, assim, às expectativas legítimas de um contexto científico cada vez mais marcado pela exigência de interculturalidade na produção de conhecimentos.

Parafraseando Michel Legrand (1993), colega e amigo, infelizmente, falecido no ano passado (2007), podemos, a título introdutório, indicar, resumidamente, que o termo “biografia” apresenta uma dupla significação. Habitualmente, a biografia significa o transcorrer da vida de um indivíduo singular, designando, inclusive, a própria reconstrução narrativa do relato: “associando objeto e método, ela é abordagem da biografia pela biografia, é abordagem da história de vida através do próprio relato dessa história, e bem mais que isso, pelo relato daquele que é o ator que é, senão, o próprio autor” (Legrand, 1993, p.11). Nesta coletânea, a abordagem biográfica compreende um termo genérico abrangendo práticas muito diversificadas que apresentam, não obstante, pontos de convergência mínima quanto à preocupação na reconstrução narrativa da história de vida de uma ou várias pessoas, através da narrativa oral e/ou escrita.

Sublinhemos que o uso da abordagem biográfica, no seio da comunidade de pesquisadores de diferentes campos das Ciências Humanas e Sociais, nem sempre foi objeto de consenso em se tratando da pertinência científica. Na França, por exemplo, a sociologia positivista sempre lançou olhares circunspetos sobre trabalhos de pesquisadores que fizeram opção dessa via. Se, por um lado, os debates epistemológicos sobre o estatuto da subjetividade do indivíduo, nos processos de pesquisa em Ciências Sociais, estão longe de terem terminados, por outro, notemos o importante lugar da noção de “sujeito” na sociologia contemporânea, tanto na França como em outros países, desde alguns anos atrás.

No Brasil, conhecem-se as dificuldades enfrentadas por algumas instituições em torno do empreendimento da *História Oral*, a partir dos anos 1970, sob a coordenação do CEPDOC/FGV-RJ – Centro de Pesquisa e Documentação da Fundação Getúlio Vargas. A trajetória da história oral e do uso biográfico no Brasil, mais particularmente no campo acadêmico, é permeada por inúmeras dificuldades de busca de reconhecimento e legitimação nas diferentes áreas disciplinares. Havia suspeição, senão desqualificação nos usos de histórias de vida, de relatos individuais ou grupais e de biografias, porque eram considerados extremamente subjetivos. Em meio a contradições e dificuldades, as práticas de história de vida oral – ora voltadas para a obtenção da visão da “elite”, ora orientadas para a visão dos “dominados” – consolidaram-se, podendo fertilizar trabalhos que se desenvolveram na perspectiva de uma articulação entre história, memória e biografia.

É a partir dos anos 1990 que se tem uma impulsão dos usos da história oral, que não se restringe ao campo da historiografia, e se acentua o interesse, na academia brasileira, pela abordagem biográfica de inspirações diversas. Como ilustração, pode-se citar o desenvolvimento, desde o início desta década, da abordagem *História de Vida em Formação* reunindo, em grande parte, pesquisadores do campo da Educação. O dinamismo, aí, pode ser observado, como exemplo, na criação de associações que entretêm estreitas relações com outras estrangeiras, como é o caso da ASIHIVIF (Associação Internacional de Histórias de Vida em Formação), bem como através da realização de encontros internacionais, nacionais e regionais. Nesta coletânea, estaremos apresentando mais apuradamente os desdobramentos e avanços nesse campo.

É ainda importante notar que, no caso brasileiro, a abordagem das histórias de vida no campo sociológico é recente, particularmente, aquela que toma o indivíduo ou o grupo em questão (que narra sua história) como central no dispositivo de pesquisa. Inicialmente, predominou, aí, a preocupação em se apreender, através de histórias ou relatos individuais, processos e relações sociais, porém, mais recentemente, nota-se maior preocupação com processos de subjetivação das pessoas que narram sua própria história e/ou de sua coletividade. Esta perspectiva de pesquisa se encontra bem consolidada, em boa parte nos países da Europa, mas

veremos também, nesta coletânea, através de autores brasileiros, o sujeito narrador de sua história no centro da pesquisa.

Por ora, cumpre notar que as abordagens reunidas sob o termo “abordagem biográfica” parecem estar se impondo como um modo disciplinar de acesso ao sentido, o que vem fortemente questionar certas práticas de pesquisa sedimentadas nas Ciências Humanas e Sociais. Desse modo, práticas autobiográficas, relatos de vida e histórias de vida individuais ou coletivas, todos eles se inscrevem na perspectiva do campo em que o pesquisador se encontra. Veremos, outrossim, que essas práticas não são homogêneas e, dentre elas, há aquelas que, mais do que outras, vão participar de um profundo remanejamento das relações intersubjetivas das pessoas implicadas num processo de narração e de trocas, modificando sensivelmente as relações de “poder-saber”, geralmente presentes numa pesquisa.

Esta obra é composta de cinco partes:

A PARTE I diz respeito, mais particularmente, aos pesquisadores que utilizam relatos de vida como técnica de coleta de dados em pesquisas sociológicas e etnológicas. Seus trabalhos se inscrevem na perspectiva aberta por uma Sociologia de influência etnológica, nos Estados Unidos, no início do século XX, na Escola de Chicago. Na França, o uso de relatos de vida no campo sociológico foi, particularmente, desenvolvido por pesquisadores como Daniel Bertaux (1997) – um dos autores desta coletânea – a partir dos anos 1970. No plano epistemológico, essa prática introduz claramente uma ruptura com a lógica prevalente nas pesquisas de natureza quantitativa. Para a sociologia positivista, é embaraçoso o status científico dos dados coletados através de relatos de práticas a partir dos quais o pesquisador visa abordar a subjetividade do ator social. De fato, o pesquisador que se preocupa em obter informações pertinentes no campo social estudado, deve compor com um “objeto que fala”, isto é, um sujeito preso na trama da linguagem e que expõe dados de sua própria experiência. É bem isso que Pierre Bourdieu, em 1986, evocava na noção de “ilusão biográfica” (Bourdieu, 1996), antes de modificar sensivelmente sua posição, em 1993, quando ele próprio decide utilizar relatos de vida em pesquisa, publicada numa coletânea que se tornou célebre sob o título *A miséria do mundo* (2003). Sabe-se, hoje, que a coleta de relatos de vida, desde que se respeite critérios metodológicos – como a variação da amostra e a saturação progressiva do modelo elaborado pelo pesquisador – pode, efetivamente, dar conta da realidade vivida de um mundo social ou de uma *categoria de situação* e permite coletar dados que jamais poderiam ser identificados por enquete via questionários. Essa corrente de pesquisa em Sociologia se inscreve atualmente no campo da Sociologia compreensiva (Kaufmann, 1996), das teorias microssociológicas e da etnometodologia (Lapassade, 1996).

A PARTE II apresenta trabalhos de pesquisadores que se reúnem em torno dos seminários de implicação e de pesquisa “Romance Familiar e Trajetória Social”, que emergem na França, em meados dos anos 1970. Esses seminários alimentaram, entre outras práticas e pesquisas, um novo campo de reflexão na Sociologia: a Sociologia Clínica. Resumidamente, esse campo teórico pluridisciplinar se inspira em determinadas correntes teóricas das Ciências Humanas, tais como a Sociologia, a Psicanálise, a Psicossociologia e a Fenomenologia, dentre as principais. Trata-se de tentar trabalhar a mediação dos fatores econômicos, históricos, sociológicos, ideológicos e psicológicos nas trajetórias individuais dos sujeitos, procurando evitar a dupla armadilha do “psicologismo” e do “sociologismo”. Os seminários são realizados através de grupos de implicação pessoal para a formação e desenvolvimento pessoal, e também utilizam métodos de investigação da análise das interações entre fatores psicológicos e sociológicos. Nesses grupos, os participantes produzem hipóteses de trabalho a partir de suas próprias narrativas. Uma maneira de trabalhar que se distancia das práticas em que o pesquisador se preocupa unicamente com o tratamento analítico do material biográfico. O sujeito que socializa sua história de vida é considerado, nesta abordagem, como sujeito e objeto do processo de pesquisa, produzindo não somente a “matéria-prima” necessária, mas também participando de reflexão teórica e de análise dos dados, que não se reduzem apenas à sua história singular, visto que ela está inscrita num contexto sociológico. Esta corrente de pesquisa teve desdobramentos significativos em alguns países da América Latina, mais particularmente em certas universidades da Argentina, do Brasil, do Chile, do México e do Uruguai. Esta coletânea apresentará algumas dessas pesquisas sendo produzidas em contextos socioeconômicos, culturais e políticos bastante diferentes daqueles encontrados por pesquisadores norte-americanos e europeus.

A PARTE III tenta dar conta do contexto da recente emergência das histórias de vida de coletividade, procurando explicitar sua importância no estudo das modalidades atuais de construção do elo social. São evidentes as transformações sociais e demográficas contemporâneas, da segunda metade do século XX, e as modificações profundas na estrutura dos vínculos entre a sociedade, o indivíduo e a relação que este último entretém com a sua própria existência. Em poucas décadas, consuma-se a erosão das sociedades ditas “tradicionais”; generaliza-se o sentimento de indeterminação em relação às promessas de um futuro onde a ciência, a técnica e a economia parecem ter fracassado nas suas respostas e se acentua a perda de estabilidade das referências socioculturais oriundas dos ideais da filosofia política do século XIX. Deste conjunto de fenômenos, decorre uma organização social dita “pós-moderna”, que ulteriormente chamar-se-á “hipermoderna”. É nesse contexto que as histórias de vida de coletividade apresentam um interesse

maior no plano da pesquisa. Na medida em que permitem analisar trajetórias individuais e coletivas dos sujeitos sociais, abre-se o campo de identificação daquilo que se denomina – desde os trabalhos dos sociólogos da escola de Chicago (Thomas e Znaniecki, 1998) – por “definição de situações” (Digneffe, 1989). Trata-se de compreender, a partir das próprias representações desses sujeitos sociais, sua maneira de viver e de sentir nas situações em que se encontram. Tal procedimento torna-se essencial na medida em que essas “definições de situações” não correspondem necessariamente às características objetivas da situação, tais como um observador (externo) poderia defini-los. Essas representações subjetivas estruturam a relação ao real dos indivíduos e são bem reais em suas consequências. As histórias de vida, permitindo o acesso à subjetividade individual e coletiva dos sujeitos sociais, permitem apreender a maneira em que estes últimos vivem e representam situações experienciais em que se encontram implicados.

A PARTE IV compõe-se de trabalhos desenvolvidos por pesquisadores reunidos em torno da ASIHIVIF (Associação Internacional das Histórias de Vida em Formação), criada em 1990, por iniciativa de Gaston Pineau (Tours, França) e Guy de Villers (Louvain la Neuve, Bélgica) – autores que compõem esta coletânea – e Pierre Dominicé (Genebra, Suíça). Ela mantém estreitos elos com várias associações nacionais ou regionais, tais como a ANNHIVIF (Associação Norte-Nordeste de História de Vida em Formação), no Brasil (Natal-RN). Seus modos de intervenção mantêm relações de proximidade com a corrente “Romance Familiar e Trajetória Social”, acima citada. Todavia, a ASIHIVIF apresenta algumas especificidades¹. Primeiramente, o campo de pesquisa, que mobiliza a atenção de pesquisadores, abrange o complexo universo da formação, a qual não é apenas entendida como uma dimensão da “formação profissional dos adultos”, mas como a que compreende, igualmente, questões da formação experiencial, da autodidaxia e, mais geralmente, do aprendizado de adultos. Em segundo lugar, as referências teóricas que orientam as pesquisas são particularmente diversificadas – filosofia existencial, sociologia, psicanálise, linguística, teorias da formação (Gallez e Villers, 1996, p.13-21). Se essa multirreferencialidade conceitual não permite claramente definir fronteiras disciplinares, pode-se, todavia, dizer que a coerência teórica marcando as práticas dos pesquisadores se produz nas próprias modalidades do trabalho. Mais do que uma imposição de um quadro teórico orientando a interpretação dos relatos de vida, a via privilegiada é a da apropriação pelo sujeito narrador

¹ Para um melhor esclarecimento, fazemos referência à segunda parte da obra de Alex Lainé (1998) na qual ele apresenta a corrente “romance familiar e trajetória social” e a corrente das histórias de vida em formação, tentando explicitar suas diferenças e seus pontos de convergência.

do seu poder de formação, isto é, da sua capacidade de “dar forma”, através do trabalho reflexivo que ele opera na sua narrativa socializada. A história de vida é então considerada como uma prática autopoietica, atualizando-se, desse modo, a atitude de demissão em relação às modalidades habituais de produção de saber. Nessa abordagem, insiste-se muito na dialética “produção oral/produção escrita” no trabalho de história de vida. Enfim, os pesquisadores da corrente ASIHIVIF se preocupam, particularmente, com os fenômenos de emancipação social e com as démarches ditas “pesquisa-ação”².

A PARTE V, centrada nas práticas de “escrita de si”, visa explicitar as formas e os objetivos das práticas autobiográficas no mundo contemporâneo. As configurações literárias, sempre consideradas um gênero menor – e, diga-se de passagem, frequentemente carregadas de suspeita de autocomplacência narcísica – parecem estar hoje em “moda”. Testemunhando riqueza, mas também contradições que atravessam as vidas singulares, os escritos autobiográficos, atualmente, representam uma das chaves de acesso à análise das formas do individualismo contemporâneo. As práticas de “escrita de si” tiveram historicamente uma impulsionamento sem precedentes, em meados do século XVIII, no contexto da aparição da autobiografia (Lejeune, 1971). E as práticas de “escrita da intimidade” emergem como uma das modalidades de expressão de busca identitária no âmbito das sociedades pós-industriais. Como um exemplo significativo, citemos a multiplicação das práticas de escrita através de “seminários de escrita”. Podemos nos interrogar sobre as relações, hoje, entre a escrita e a vida dos indivíduos: que motivações são estas que conduzem tantos contemporâneos a quererem escrever sua história? Em uma sociedade fluida e móvel – onde os pontos de referência parecem estar flutuantes, de modo a levar as pessoas a sentirem-se responsáveis em face de sua própria história – escrever seria, sem dúvida, uma prática portadora de sentido transbordando aspectos meramente individuais.

Por fim, resta observar que, num plano paradigmático, as histórias de vida permitem relacionar dados empíricos, isto é, os “fatos” e as construções teóricas, de modo a compreender como os atores sociais produzem o social, ao mesmo tempo em que eles são por ele modelados. A articulação indivíduo-coletivo se dá na medida em que ela permite acessar uma realidade biográfica que ultrapassa o

² A “pesquisa-ação” designa um método de pesquisa em Ciências Sociais no qual o conhecimento produzido retorna aos membros do grupo social “objeto” da pesquisa, tornando assim uma ferramenta de mudança. Se a pesquisa “clássica” se volta, geralmente, para uma difusão unicamente doutra de seus resultados, a “pesquisa-ação” espera, por sua vez, ter uma influência sobre o curso das coisas. Às vezes, ainda são os próprios sujeitos concernidos que podem se tornar pesquisadores para conduzir uma pesquisa em que analisam suas práticas “do próprio interior”.

narrador, mas que o produz como sujeito social. Assim, compreender como a subjetividade dos atores sociais se objetiva nos atos permite formular hipóteses sociológicas relativas às comunidades relacionais a que eles pertencem, ou seja, a maneira como elas se organizam, para além mesmo da singularidade das trajetórias.

Referências

- BERTAUX, Daniel. *Les récits de vie*. Paris: Nathan, 1997.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica (1986). In: P. BOURDIEU, *Razões práticas*. Campinas: Papirus, 1996.
- _____. *A miséria do mundo*. São Paulo: Vozes, 2003.
- DIGNEFFE, F. *Ethique et délinquance. La délinquance comme gestion de sa vie*. Genebra: Meridiens Klincksieck, 1989.
- GALLEZ, D.; VILLERS, G. De. À la recherche de nos filiations: fondements théoriques des pratiques d'histoire de vie en formation. In: *Pratiques de formation – Analyses, les filiations théoriques des histoires de vie en formation; Formation permanente, n° 31, jan./1996*. Paris: Université de Paris VIII.
- GOODY, J. *La raison graphique. La domestication de la pensée sauvage*. Paris: Éditions de Minuit, 1979.
- KAUFMANN, J.C. *L'entretien compréhensif*. Paris: Nathan, 1996.
- LAINÉ, Alex. *Faire de sa vie une histoire. Théories et pratiques de l'histoire de vie en formation*. Paris: Desclée de Brouwer, 1998.
- LAPASSADE, George. *Les Microsociologies*. Paris: Anthropos, 1996.
- LEGRAND, Michel. *L'approche biographique*. Paris: Desclée de Brouwer, 1993.
- LEJEUNE, Philippe. *L'autobiographie en France*. Paris: Armand Colin, 1971.
- THOMAS, W.; ZNANIECKI, F. *The Polish peasant in Europe and in America, Monograph of an immigrant group*. Edição original: New York: Octagon, 1919. (Tradução francesa: GAUDILLAT, Y. *Le paysan polonais en Europe et en Amérique – Récit de vie d'un migrant*. Paris: Nathan, 1998).